

## O SIGNO TÁTIL: A SEMIÓTICA DA REFERÊNCIA EM UMA CARTA DE LOUIS BRAILLE

### LE SIGNE TACTILE: LA SÉMIOTIQUE DE LA RÉFÉRENCE DANS UNE LETTRE DE LOUIS BRAILLE

**Flaviano Batistado Nascimento**

EEEF-PB/ PPGL- UFPB

flanascimento@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo explicitar como se dá o processo de apreensão tátil do signo. Também, como não existe documento científico que cubra tal área do conhecimento humano, escreveu-se este trabalho para fundamentar novas pesquisas. O *corpus* se constitui de uma carta de Louis Braille ao diretor Pignier, datada de Coupvray, 11 de outubro de 1831, a qual compõe o livro: *Cartas de Louis Braille ao Dr. Pignier*. CBB, 2004. A teoria escolhida foi a semiótica de linha francesa, da qual se priorizou a referenciação (categoria semiótica que se pautou nos estudos de GREIMAS (2016), RASTIER (2010), MONDADA (2003), CAVALCANTE (2003), APOTHÉLOZ (2016) etc.).

**Palavras-chave:** *semiótica; signo; referência; código tátil.*

**Resumé:** Cet travail a comme objectif élucider le procès de connaissance de le signe tactile. Aussi, comme n'existe pas matériel scientifique qui prenne cette aire de le connaissance humain, ce travail a été écrit pour aider des nouvelles recherches. Le *corpus* s'est constitué de une lettre de Louis Braille destinée à le directeur Pignier, qui il date de Coupvray, 11 de octobre de 1831, laquelle compose le livre: *Cartas de Louis Braille ao Dr. Pignier*. CBB, 2004. Il a choisie la théorie sémiotique de ligne française, dont il a primée la référenciation (catégorie sémiotique qui est fondé en GREIMAS (2016), RASTIER (2010), MONDADA (2003), KOCH (2016), CAVALCANTE (2003), APOTHÉLOZ (2016) etc.).

**Mots-clé:** *sémiotique; signe ; référence; code tactile.*

### **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo explicitar como se dá o processo de apreensão tátil do signo (que vem se delineando desde Platão e Aristóteles). Para tanto, pensou-se em mostrar como o cego se comunica praticamente, interage e concebe o mundo natural. Também, como não existe documento científico que cubra tal área do conhecimento humano, viu-se a necessidade de se escrever este texto para referenciar pesquisas posteriores.

O *corpus* se constitui de uma carta de Louis Braille ao senhor Pignier, datada de Coupvray, 11 de outubro de 1831, a qual compõe, ao lado de outras onze cartas, o livro que

foi traduzido do espanhol para a Língua Portuguesa por Regina Fátima Caldeira de Oliveira & Jonir Bechara Cerqueira com o título: *Cartas de Louis Braille ao Dr. Pignier*. CBB, 2004.

A teoria escolhida foi a semiótica de linha francesa, da qual se priorizou a referenciação (categoria semiótica que se fundamentou em GREIMAS (2016), RASTIER (2010), MONDADA (2003), KOCH (2016), CAVALCANTE (2003), APOTHÉLOZ (2016) etc.).

A referenciação consiste na realização do signo que compreende significante, significado e referente. Assim, é o fazer, a performance, o processo ou a fala. Complementarmente, pode ser comparada ao sintagma, que se atualiza e se realiza na enunciação do eu/aqui/agora.

Para Koch (2016: 34), a referenciação “constitui uma atividade discursiva”. Sendo assim, a relação intersubjetiva pressupõe uma atividade na qual cada ato de fala implica um enunciado específico, reconhecido pelos participantes da enunciação. Este termo, visto como processo linguístico, é um modo prático que os sujeitos utilizam para categorizar e recategorizar o mundo através da língua.

A referenciação, por fim, é uma ação concreta, posta e potente. Ela torna, através de atividades de linguagem, o signo social, funcional e enunciativo, pois se trata de um fazer e ou de uma realização semiótica.

### **1. O código visual e o código tátil**

Nas línguas em geral, particularmente as línguas neolatinas, só há diferenças, segundo afirmou Saussure (1972, 139). Diferenças que se pautam nas oposições fonográficas e semiolexicais, principalmente se compararmos o primeiro par: fonemas e letras. Dão-se, também, no nível semântico e no nível combinatório, em relação aos enunciados ou aos “constituintes imediatos”, isto é, a respeito da relação sintagmática e paradigmática.

Adaptando o conceito de distinção da língua para os códigos escritos, poder-se-ia afirmar que há diferenças profundas entre o *Código Linguístico do Português*, que se pauta em um alfabeto visual, com traços e linhas convencionais, conforme a realidade da língua, e o *Código Braille*, que corresponde ao alfabeto tátil, disposto em relevo, com combinações matemáticas regulares e congruentes, compatíveis com a ponta do dedo do leitor cego. Ambos os códigos, no momento da escrita, representam enunciados, fragmentos de textos (contos, romances, poemas, folhetos etc.) que auxiliam seus usuários na diferenciação técnico-científica dos dois signos escritos, no que diz respeito à sua natureza semiótica e às suas funções linguísticas, pois, notadamente, o signo verbal, que cobre e atribui sentidos a quaisquer textos, é apreendido tanto pelo sujeito vidente quanto pelo sujeito cego, ainda que de modos e por meios diferentes, tendo em conta que cada um deles tem seu modo particular de conhecer, através do código escrito, as culturas humanas gravadas no papel.

O vidente, na hora da apreensão da palavra, capta as partes, letra a letra, como também o todo, palavra a palavra, independentemente da posição que seu olho focaliza o vocábulo mirado. Este todo é o ponto de referência para onde a visão se dirige com intuito de decodificá-lo. Portanto, a segmentação mínima (ou o elemento irreduzível e indecomponível) pode corresponder às letras (**a, b, c, d, e, x, y, z** etc.), às sílabas (**ba, se, di, fo, gu** etc.) ou às palavras (**rato, caroço, banda, panda, prado, brado** etc.). Não há convencionalismo quanto à fixidez referencial, a não ser o que caracteriza a linearidade da leitura, já que o olho vai de um grafema para outro grafema até constituir a palavra (ou o lexema).

O cego, ao apalpar o vocábulo, não o apreende em sua totalidade, porém o conecta ao dedo significativamente, parte a parte, a fim de formar um todo na mente. Portanto, o elemento mínimo de significação não se trata da letra, mas do número que a constitui (**1, 2, 3, 4, 5 ou 6**), ou seja, a partir de um número específico, o qual sistematiza o Sistema Braille, o cego pode formar as letras e a reunião destas forma as palavras e, assim, sucessivamente, conforme se nota a seguir:

**B/ :** (1/2) + a/ · (1) + r/ ∴ (1/2/3/5) + c/ ∴ (1/4) + o/ ∴ (1/3/5) = **barco**;

**Z/ ∴** (1/3/5/6) + a/ · (1) + i/ · (2/4) + n/ ∴ (1/3/4/5) + o/ ∴ (1/3/5) = **zaino**;

**J/ ∴** (2/4/5) + e/ · (1/5) + j/ ∴ (2/4/5) + u/ ∴ (1/3/6) + m/ ∴ (1/3/4) = **jejum**;

**S/ :** (2/3/4) + a/ · (1) + p/ ∴ (1/2/3/4) + o/ ∴ (1/3/5) = **sapo**;

**V/ ∴** (1/2/3/6) + o/ ∴ (1/3/5) + v/ ∴ (1/2/3/6) + ô/ ∴ (1/4/5/6) = **vovô**.

Para o dedo apreender a palavra em Braille, ele sai de um *brailema* para outro *brailema* e de um grafema para outro grafema. Após este percurso tátil, o enunciado terá sentido.

## 2. Apreensão do signo tátil

Na visão de Hjelmslev, o signo não equivale à palavra, esta o compõe como todas as partes presentes no plano da expressão e no plano do conteúdo, mas, para outros, é um signo que representa o objeto, portanto, um signo substitutivo no pensamento de Peirce. Para constituir a língua, é representada graficamente de maneira tal, que passa a ser componente estrutural da sociedade como as formas linguísticas que se incorporam à realidade.

A palavra também serve para desenvolver a percepção tátil. Embora o cego não use lápis para fixá-la na página, nada impede de representar suas qualidades de signo, como fazem os videntes ao usar a substância **tinta (ou outra substância que lide com a cor)**. O Braille registra esta ocorrência signica por meio de caracteres táteis, incolores, comuns e inerentes à percepção do dedo. O sentido muda, sem alterar suas bases fundamentais, mas o tato apreende e compreende a existência de determinado signo, ainda que alguns

elementos que lhe são característicos não sejam condizentes com sua condição de sentido aproximativo, que só é e se torna significativo na presença do objeto – o referente.

Independentemente de o signo constituir um todo significativo, conforme foi visto, tanto a visão quanto o tato, nos atos de fala, concebem-no a partir de suas componentes complementares e singulares, tais como cor, forma, composição material, quantidade, tamanho, situação no mundo, espécie, gênero, cheiro e outras qualidades que o compõem no mundo.

Os modos sensíveis de a visão e o tato conceberem, perceberem e fazerem com que o signo signifique são distintos e se dão por vias, considerando-se algumas especificidades, completamente opostas, de sorte que urge demonstrá-los e estabelecê-los de imediato.

O tato não distingue um signo de outro signo através de sua cor. O toque nas coisas coloridas não indica que o cego as apreende plenamente, expressão e conteúdo, como os olhos do vidente prezam a agir, mas as discerne com base em outros elementos da realidade, concernentes à conceituação que lhes é peculiar e singular. A tonalidade dissipa confusões de reconhecimento de objetos, mas, em relação ao tato, ela não é primordial nem necessária à decodificação do conceito implicado no signo.

Em uma conversa diária, quando a mãe diz ao filho cego que ele vá pegar, na fruteira, entre todas as laranjas, uma laranja verde, o tato não o permitirá realizar tal tarefa, que esta situação linguística exige que o sujeito envolvido aí esteja dotado da capacidade de perceber o elemento da realidade **cor**, que pode variar de objeto para objeto. O tato jamais saberá, acertadamente, a diferença havida entre uvas verdes e uvas roxas, caju amarelos e caju vermelhos, mangas róseas e mangas pintadas, com algumas cores etc., a não ser que os diferencie pela forma, pela ordenação ou pelo cheiro.

A cor, portanto, não compõe o signo tátil, mas é relevante para o signo visual, isto é, é fundamental para o vidente distinguir um referente de outro referente, logicamente só após a concepção do signo por parte dos falantes da língua. É importante ressaltar que a cor, genericamente, não corresponde a um signo a que o olho visa, porém se faz presente nele, bem como as outras partes que o estruturam na realidade. Na cor, existe o aspecto material, cujas substâncias que a formam são muito diversificadas, contudo estes tipos de substâncias não se fazem definitivas para se apreender signos da linguagem. Ela, por si só, equivale a uma parte de um todo de sentidos, quer dizer, pela cor, o vidente distingue carros, jardins, placas, supermercados, frutas, animais etc.

Retomando a estrutura do signo, já como signo tátil, o primeiro aspecto que faz o cego apreendê-lo é a sua forma (presença direta). Ao tocar no referente, ele concebe sua estrutura real, distingue-o de outros referentes do mundo e constata, inteligentemente, sua função, sua funcionalidade e seus modos de significação. Assim, não confunde a forma

esférica de uma bola com a forma retangular de uma régua, ao tocar tais objetos. Como tudo na natureza têm forma (geométrica ou com outra simetria específica), esta maneira de diferenciar coisas é bastante significativa para a pessoa cega interagir e se comunicar com o mundo natural. Não há confusão de formas, desde que elas sejam transmitidas aos cegos na infância, pois não existe forma igual a outra forma, de modo que o cego, ao primeiro toque, internaliza, reconhece e interpreta a forma que se lhe apresenta sensivelmente, sem empecilhos que o obstem de apreender seus sentidos.

A esfera, o quadrado, o cone etc. são formas comuns no mundo, presentes no dado, no limão etc., mas não provocam enganos incapacitantes ao tato, que afetem seu reconhecimento. Sofá nunca será poltrona, estante, raque, cadeira, carteira etc. A recorrência da forma não tira a identidade do objeto, cada objeto tem seu sentido formal, seu caráter de todo significativo, embora sua forma seja abstrata, no sentido de ser abstraída de algum referente da realidade e seja sentida pelas mãos daquele que age ante o real, o concreto que sustenta a forma.

Outro aspecto identificador do objeto é seu relevo ou sua concretude (qualidades como aspereza, maciez, delicadeza, peso, leveza etc.). Considerando isto, ser áspero ou macio é um traço diferenciador de um signo, como acontece com abacaxi, maçã e goiaba, pois o tato quase sempre utiliza a qualidade da pele do objeto para estabelecer uma diferença significativa entre si e alguns outros objetos do mundo. Além do aspecto formal dos referentes, sua capa exterior é definidora para caracterizar uma espécie ou um gênero coerentemente, de sorte que a aspereza da pedra será distinta da aspereza de uma telha, de uma parede, de um muro ou de uma calçada.

A maciez também distingue um signo de outro signo. A textura de um lençol não é a mesma de uma colcha ou de um pano de sofá, desde que não seja fabricada a partir do mesmo tecido, pois, sendo assim, o tato passará a considerar sua forma ou seu tamanho. Ser macio, tomando por base o tato exclusivamente, é também considerado ser distintivo e gerador de sentidos, pois, ao primeiro toque, determinado objeto pode ser reconhecido pelo cego a partir de sua exterioridade, como se pode verificar nos objetos: algodão, poliéster ou couro; ralo de milho, peneira ou escorredor; guarda-roupa, armário ou estante de livros. Sua funcionalidade pode ser perfeitamente denotada a partir destas características, que são intrínsecas aos objetos do mundo natural, ou por meio de suas posições em ambientes particulares.

O cego pode, da mesma forma que o vidente, apreender os signos com base no seu tamanho, na sua quantidade, na sua posição no mundo, no seu cheiro, seu odor, no seu estado químico ou físico (quente, frio, morno), na sua composição material etc. Para o tato, a significação e a identificação do signo não implica a apreensão de sua totalidade,

pois nenhum sentido humano age assim, compreendendo todas as partes do todo, a não ser que se medite ou se reflita sobre a natureza do signo, quer seja verbal, quer seja natural. Não só a linguagem, conforme Saussure (1972: 17), mas também o signo é diversificado, multiforme e heteróclito.

Nos dias atuais, é normalmente aceitável ouvir da boca de quaisquer videntes os seguintes enunciados:

**“Como eu sou?”, “Como me imaginas, ceguinho?”, “Você lembra de mim?”, “Reconhece minha voz?”, “Sou feia ou bonita?”, “Quem é?”, “Se você fosse me descrever, como você me descreveria?”, “Sou branca ou morena?”, “Qual é a cor dos meus cabelos?” etc. etc. etc.**

Desde logo, afirma-se que tais interrogações parecem impossíveis de ser respondidas adequadamente, causando um descompasso descritivo entre objeto e resposta proferida, pois pode suceder que o cego não tenha entrado em contato com o rosto de determinada pessoa, ou se teve, o toque na parte de um objeto não implica apreensão total de sua forma, apesar de sua capacidade qualitativa. Do mesmo modo que a visão foca em um ponto específico para abranger os objetos do mundo, o tato encosta neles, pega-os de parte a parte até que haja sua compreensão, quer parcial, quer total (total no sentido de tornar o signo como coisa significativa para o actante).

É importante dizer que o cego, a partir do som captado, distingue uma voz de outra voz, logo, reconhece as pessoas do seu convívio. Isto ocorre porque se está tratando de signos sonoros e significativos, capazes de dissociar vozes, cantos, ruídos, buzinas, assobios, gritos, grunhidos e muitas outras sonoridades. Estes sons podem transmitir aos cegos diversos sentimentos, como tristeza, medo, angústia, desespero, amor, carinho etc., de modo que ele, quanto mais ouvir falar determinada pessoa, tanto mais sua voz lhe será familiar e fácil de ser identificada dentre milhares de vozes que dele se aproximem. Ressalta-se que o cego apreende a forma sonora, que é variável, não a forma do objeto que a profere, essa se destina ao tato e sobretudo à visão, enquanto aquela é absorvida pela audição, embora nem sempre signifique algo para o ser ouvinte.

Uma voz pode ser grave, aguda, roufenha, truncada, suave, inflexível, rouca etc. Apesar de alta ou baixa, ela se apoia em uma língua, com fonemas e fones definidos. Não há que se descrever esse processo físico, pelo fato de se desconhecer o assunto, mas não há como omitir o fato de que o som vocal seja um dos elementos complementares dos signos, tal como os gestos, a moda, as festas populares e outras manifestações culturais. Assim, na natureza não há sons idênticos, nem timbres de voz semelhantes a outros timbres (um som grave será sempre grave ou um si menor nunca será um si maior etc.), como também não há forma igual a outra forma, um círculo sempre será um círculo. O mesmo se pode

dizer do quadrado, do cone, do cilindro ou do paralelogramo. O tamanho do objeto não altera sua forma, isto é, limão e laranja sempre serão esféricos, dado e dama quadrados, régua e mesa retangulares. Esta característica do objeto, caso se considere somente a forma sensível, não constitui um traço distintivo, não há mudança formal, apenas uma ampliação ou uma diminuição de sua matéria. Tudo dependerá do gosto, do cheiro, do odor, da acidez ou de outra componente que a define.

Não há como apreender uma forma qualquer através de uma mera descrição, todo objeto apresenta detalhes que escapam aos sentidos, mesmo ao tato, que o apalpa, o amacia, o vira de um lado para outro lado e o distingue dos outros objetos do mundo devido às suas partes singulares e significativas. Assim, as perguntas dadas não fazem sentido para o interlocutário, visto este, além de estar longe do objeto, não o ver, não o sentir aos dedos nem o imaginar com exatidão visual, embora o termo exatidão não caiba à situação social que se analisa, porém apenas capta os sons transmitidos pelo ser vivente, o que já é bastante complexo para fazer-se uma distinção certa entre um som ouvido de outro som ausente, que se opõe ao primeiro som, funcionando como um aspecto definidor da natureza de quem é ouvido na presença.

Quando alguém pede a um cego para descrevê-lo ou dizer como o imagina, não é um fator positivo, inteligentemente formulado, pois quaisquer respostas ao interlocutário não o satisfarão nem o farão observar a equivalência dos enunciados à forma e ao conteúdo expressos, pois o referente e a palavra não se acoplam harmonicamente, embora às vezes algum ponto de conexão entre uma determinada palavra, expressão ou frase com uma parte do todo, ou com algum traço da forma, que é (re)criada mentalmente, sem identidade real, realize um fato significativo da realidade.

Por mais que o cego procure expressar e caracterizar qualquer rosto por meio do som, ele sempre encontrará dificuldade na escolha das palavras pelo fato de a imagem ouvida não poder reproduzir-se com perfeição. A única coisa que ele pode dizer é: “Seu rosto é claro ou moreno, arredondado, fino ou comprido, sem acnes ou com acnes, liso ou caspento. Tem olhos pretos, nariz curto, boca redonda, com lábios vermelhos, cílios clareados e sobrancelhas da cor dos cabelos. Mesmo com toda essa descrição, não será suficiente tal esforço, pois a forma não está aí, mas no todo visível, que pode também ser palpável. A forma, pelo fato de ser abstrata, no sentido de ser abstraída de determinado objeto ou referente, é impossível um cego a conceber apenas com a audição, segundo os exemplos citados, posto que o som não passa a ele qualidades da forma que compõe o objeto na qual ela se expressa. Não se fala aqui na forma do som do signo linguístico nem na forma musical, mas no som proveniente da boca de um sujeito de forma específica e diferenciada das outras formas existentes. (Voz pela voz).

Embora só se possa dizer aquilo que se pense, não aquilo que se perceba, não há meio algum de expressar os objetos nem as sensações que passam ou trazem de verdade ao sujeito. A voz das pessoas faz o cego pensar e imaginar, mas, sem formalização, esquematização e sistematização, não se consegue expressar o que está diante de si, pois o vidente não diz o que vê nem o cego fala o que toca, mas ambos somente o que fazem é dizer ou exprimir seu pensamento, mesmo que o indivíduo falante absorva parcelas mínimas da coisa focalizada. Como a sensação é individualizada e muito difícil de ser expressa ou mesmo de ser transposta para uma linguagem, o cego, para descrever qualquer pessoa, utiliza de comparações, de metonímias e metáforas, de adjetivações e relativizações, de modo que, muitas vezes, as características de uma pessoa podem ser aplicadas a outra pessoa, ou os traços de um objeto podem ser semelhantes aos de outro objeto particular.

O visível pode ser confuso e até conflitante; cada objeto se mostra ao homem de diferentes maneiras, ora agindo, ora recebendo a ação do ambiente, que interfere na sua vida da mesma forma que ele interfere na vida dele, isto é, o homem age, a natureza reage e vice-versa, pois cultura e natureza convivem mutuamente, sem dissociação, como confirmam rezas, milagres, curas, intuições, predições etc. Assim, o perceber não é perceber tudo nem perceber o objeto total, mas parte dele ou algumas partes de sua forma (aspecto estrutural que implica o referente do mundo extralinguístico). Diz-se que o conflito e a dubiedade podem embaraçar o elemento visível das coisas, porque a luz é um elemento fundamental da percepção visual, sem a qual não haveria a nitidez nem a clareza de algo em relação a alguma coisa (o homem viveria a se abalroar contra os referentes, sem condições de distingui-los nem de afastá-los de sua vida). O que disse a respeito da luz, poder-se-ia dizer da matéria (o concreto da forma) que serve de objeto físico a que o tato toma como base para indicar e distinguir coisas e seres). Sem esse elemento duro e pétreo, não haverá percepção tátil nem apreensão do ambiente natural.

A questão dos astros não cabe a esta discussão, pois estes signos, considerados em si mesmos, sem o elemento sociocultural, não têm função semiótica para o cego, a não ser que se lhe façam miniaturas ou objetos artesanais compatíveis com sua realidade, para apresentar-lhe a funcionalidade, os sentidos e os processos de significação que envolvem aqueles corpos celestes. O objeto estrela, parte da substância do conteúdo, não é conveniente para o tato nem para os outros sentidos, com exceção da visão, o único sentido humano capaz de distinguir objetos que estão próximos, distantes, na Terra, no universo, a léguas, a metros, a altitudes ou a quarteirões. É preciso dizer que, apesar de estarem no espaço, os astros também apresentam as características definidoras do signo vistas até o momento, como a cor, o tamanho e a posição, de sorte que o “ato de ver” não transforma os referentes em signos pela sua concretude (matéria dura e sólida), mas por sua circulação sociolinguística,

isto é, por sua significação na língua e na sociedade, já que todos os elementos siderais se compõem de forma sensível.

Para o tato, os astros não são referentes (matérias palpáveis), só funcionam como objetos de discurso, que são incorporados à memória do cego por meio da cultura ou da difusão conceitual. O referente *estrela*, tirante a luz emitida para Terra e que é sentida pelo corpo, permanecerá existindo no universo com todas as suas qualidades de signo, sem ser apreendido parcial e completamente pelo cego, embora não deixe de ser grande desencadeador de sentidos.

Independentemente de uma minoria não conceber ou perceber a ideia do signo *estrela*, ele vai continuar sendo signo, com toda sua complexidade, mesmo que o cego capte apenas seus traços sociolinguísticos, seus sememas discursivos, deixando de lado os traços visuais, que compreendem cor, brilho, luz, forma e outras sensações que os astros passam à mente do sujeito observador a cada olhada furtiva.

### **3. Referenciação na primeira carta de Braille, datada de 11 de outubro de 1831**

Narram os biógrafos que Louis Braille escreveu todas as cartas que compõem este livro em tinta, usando lápis e régua, que funciona como um assinador, usado pelo cego de hoje, para guiar sua mão; não as escreveu em Braille, embora o código tátil já estivesse em circulação, não plenamente, ao ponto de constituir uma atividade social e popular.

Há sempre nas cartas uma oposição espacial, pois Coupvray é o espaço enunciativo, onde está localizado L. B., e Paris é o espaço enuncivo, onde estão os possíveis interlocutários, aos quais o cego se refere.

O gênero textual é a carta, apresentando todas as suas características constitutivas e distintivas, tais como: local de origem (Coupvray, no interior da França), dia (11), mês (outubro) e ano (1831) e assinatura (L. Braille).

O texto começa com uma saudação ao emissário seguida de dois-pontos, “estimado senhor:”, e, após o desenvolvimento do assunto, a assinatura do emissor, depois de abrandar o que foi dito com a expressão, “seu devotado”, é colocada a assinatura L. Braille.

Louis Braille, que é o destinador, dirige-se ao diretor do Instituto Nacional dos Jovens Cegos, que é o destinatário. É assim que o diálogo se dá, embora esteja implícito o segundo sujeito, de forma direta, com sentimentos verdadeiros e sinceros, sem suscitar inconveniência e desrespeito à autoridade máxima, por se tratar de uma relação afetiva que envolve aluno e diretor.

A amizade de Braille e Pignier está explícita na segunda linha, “Faz mais de quinze dias que não tenho a honra de receber notícias suas”, demonstrando que o cego fora e é um dos alunos favoritos do diretor. As razões que os ligavam são muitas, desde a relação afetiva que envolve aluno e professor até à demonstração de amizade e de visão genial do futuro, visto Pignier ter sido a única voz relevante a defender a implementação e a substituição do Método Sonográfico de Barbier pelo Sistema Braille. Embora a voz, a opinião e o desejo do diretor não se mostrem, não há como negar o laço carinhoso que une os dois sujeitos, que se comprova na interrogação: “Sua saúde teria piorado?” Esta vontade de ser agradável, de expor preocupações sinceras acompanha todas as cartas. Sabe-se que o destinatário está ausente, porém há uma frase que deixa claro que os dois eram achegados como amigos: “Já não serei eu quem lerá dois belos textos com o Senhor”. Certamente Pignier lhe dedicava algum tempo de leitura, já que o código tátil ainda era muito incipiente e não tinha livros impressos, disponíveis para os cegos.

Louis Braille, como se nota, era completamente incluído: lia, tocava órgão, frequentava os correios e escrevia a lápis, ainda que com dificuldades próprias do tato, como relatam as cartas de Lagny, 26 de agosto de 1831, e de Coupvray, 1 de setembro de 1831, respectivamente: “Ao escrever-lhe com minhas próprias mãos corro o risco de que não me entenda” e “Me alegraria muito, meu querido Sr. Pignier, se o Senhor perdesse apenas um quarto de hora, decifrando a primeira página destes garranchos”. Não há falsa modéstia, Braille retrata apenas o descompasso que existe entre um código visual e o tato, de modo que as letras, quando escritas por um cego, podem ficar irregulares (umas maiores que as outras, tremuladas, próximas demais e até empasteladas). Apesar de a ponta do dedo servir de ponto de referência para orientar a caneta na linha do papel, o formato da letra, por ser destinada à visão, é incompatível com o tato, de sorte que tal relação imita a proposta do “**alto-relevo**” de outrora. Portanto, a inclusão verdadeira não significa estar, mas saber onde, como e por que estar, e Braille sabia e tinha noção de suas limitações e suas aptidões.

O sujeito central está de férias, no interior da França, na companhia de sua família, distante da balbúrdia de Paris, mas aderido aos meios de comunicação da época (correspondência escrita, Sistema Braille, Método Haüy e o método sonográfico de Barbier). É importante destacar que Braille não conhece apenas signos escritos, pois certamente, nas visitas frequentes que fazia ao campo com sua mãe, tomava conhecimento a respeito dos signos naturais e acidentais.

Na quarta linha, os primeiros referentes surgem, explicitando a rotina de sua vida na Aldeia. A visita dos vinhedos é uma atividade que o tranquiliza, embora não o descreva nem se refira às suas qualidades de referente. É apenas como um local para onde ia com frequência só ou com sua mãe, como se vê na carta escrita em Paris, 10 de setembro de

1847: “Falta ainda muito tempo para eu revê-la. Viver em uma cidade grande me aborrece e me sentiria feliz se pudesse respirar o ar de nosso campo e passear com a Senhora pelos vinhedos”. Dona Monique Baron funcionava como sua guia, ainda que esta orientação não denote “auxílio”, “ajudinha” ou “trabalho por restos de comida, ou partilhas de dinheiro”, como sucedia com o cego antigo.

O signo *vinhedo* era bastante significativo para Braille, pois em duas cartas há referência a ele, como se fosse algum animal de estimação. Talvez seu cheiro lhe transmitisse sensações boas, capazes de fazê-lo apreender, parcialmente, a forma do referente vinhedo, que é distinta de pomar, por exemplo, e também porque fosse uma oportunidade de se relacionar com a natureza e de tornar filho e mãe mais afetuosos e mais próximos um do outro. Provavelmente, Monique ou uma de suas irmãs o guiava quando ele ia a Paris, ou aos correios, ou a perambular pelas estradas.

Há um trecho que chama a atenção do leitor: “A umidade, a chuva e o vento me fizeram mudar minha rotina” que, aparentemente, não implica sentidos reveladores, por algo corriqueiro para quem vive no interior, mas, considerando a vida de Braille, infere-se o começo do afloramento de sua tuberculose, que o afetaria à frente, exatamente aos vinte e seis anos de idade (doença que o afastaria do campo para os lugares mais quentes). Assim, umidade, chuva e vento são signos disfóricos, negativos, que lhe anunciam reclusão, tosses constantes e dissabores. Ele houvera de ter receios do frio, pois a luz solar à frieza era preferível, mas isto não seria suficiente para evitar sua morte precoce, em 1852.

Mesmo quase tísico, o ator Louis Braille era acolhido e acarinhado pelos seus parentes, que liam para ele algum livro, “Leem para mim”, não o deixavam abandonado ali, solitário, à poeira das férias de outono. Ele sabia ler e escrever, mas sempre alguém, Pignier ou sua mãe, o colocava a par dos novos livros, que ainda não havia no Sistema Braille. A socialização dos cegos através da leitura ainda estava começando a se estabelecer (o que demoraria muito tempo), mas o código tátil já era conhecido no meio dos deficientes visuais, principalmente em Paris, na IRJC, onde o habitante de Coupvray “residia” como interno.

O trecho que se segue, “Afinar pianos, jogo cartas e xadrez, e me sinto bem”, coloca definitivamente L. B. no pedestal da modernidade, pois apresenta atividades que são comuns e muito caras aos cegos da atualidade. Hoje afinar instrumento, jogar cartas, xadrez ou dominó são responsabilidades da alçada tanto do vidente quanto do cego, não há diferenças, tudo é adaptável ao meio social. No caso de Braille, como não podia sair por causa da chuva, tocar e jogar lhe passavam conforto, lazer e um antídoto contra a solidão, a tristeza e um sentimento de abandono provocado pela iminente tuberculose. Tudo isso, parece nítido, visto de longe, que tais modos de socializar são maneiras de inclusão domiciliar que estão muito presentes nos dias que correm e revelam as características do

novo cego, que se opõem, radicalmente, às dos cegos anteriores, porém, seguramente, o criador do Braille não tinha consciência do caráter inovador de seus atos.

Na quinta linha, L. B. se refere à irmã de Pignier que, por sua demonstração de carinho e afeto, crê-se que ambos se davam muito bem, já que não é só nesta carta que ele a saúda, como se vê: Lagny, 26 de agosto de 1831, “e da Senhorita sua irmã, que estava doente quando parti”; Coupvray, 1 de setembro de 1831, “Rogo-lhe que transmita minhas saudações à Senhorita sua irmã”; Coupvray, 20 de setembro de 1831, “Pedimos também que transmita nossas saudações à Senhorita sua irmã” etc. Isto deixa evidente que ele participa do círculo familiar da escola, como aluno favorito de Pignier e de sua irmã, por quem carinho não deixou de atribuir-lhes. Quiçá se tivesse as cartas de Pignier enviadas a Braille, se pudesse tirar outras conclusões, mas, como não as há, fica-se com o ponto de vista do cego de Coupvray. Afinal, Pignier teve papel fundamental na inserção, na aceitação e na divulgação do Sistema Braille entre os letrados de Paris.

#### 4. Resultados e discussões

Esta análise revelou que o sujeito cego, para ser incluído verdadeiramente, deve ler, escrever, realizar atividades sociais (jogar, tocar, brincar etc.), andar sozinho e participar do dia a dia da cidade, como ir aos correios, consertar piano etc., como para dizer a si mesmo que o mundo é para todos e todos podem experimentá-lo, independentemente da deficiência ou do sentido que utilize para se alfabetizar e conhecer as coisas e os animais.

Também mostrou que não mais há espaço para se aceitar a presença do cego antigo na sociedade moderna, já que sua existência indica atraso, descontinuidade, realidade conflitante etc., devido ao estabelecimento do novo cego, que está, apesar da ignorância que ainda assola alguns indivíduos, completamente incluído e integrado às novas propostas da sociedade capitalista.

Descobriu-se, enfim, que só a leitura e a escrita são capazes de libertar o homem da escuridão, pois, antes do código tátil, o cego, tirante a oralidade, não tinha meios de se posicionar ante a realidade opressiva e preconceituosa que o aplacava, porém, após 1824, com a invenção do Sistema Braille, ele pôde ler e aprender como enfrentar seus problemas diários. Aprender o código Braille, atualmente, implica independência, autonomia e dignidade. Como o mundo se transferiu dos olhos para os dedos, é premente absorver os signos táteis para ser, perceber e conceber a realidade que se apresenta em volta dos cegos contemporâneos. Sem o signo tátil, isto é, o **sistema Braille**, não haverá fundamentalmente letramento, inclusão e desenvolvimento cognitivo.

Louis não usou o código tátil para enviar as cartas a Pignier, certamente este não o tinha aprendido ainda, mas se o fizesse, haveria uma inclusão total, onde aluno e professor

estariam partilhando das mesmas emoções e das mesmas dificuldades. No futuro, devido às novas políticas inclusivas, o Sistema Braille deixará de ser grupal, podendo participar livremente das atividades escolares, ministeriais e internacionais, pois, para ser consolidado o protótipo “cego moderno” na sociedade, o Código Tátil deve representar para o cego tudo que o Código Linguístico representa para os videntes no cotidiano, no que diz respeito às suas funções, circulação e presença nos lugares públicos. Tudo isso parece utópico, e o é, mas, até o nascimento de Louis Braille não havia código tátil responsável por promover a educação, a inclusão e a socialização da pessoa cega, de modo que ser utópico é ser plenamente humano.

### Referências Bibliográficas

APOTHÉLOZ, Denis. *A problemática da anáfora*. In: *Referenciação* (Coleção Clássicos da Linguística). (Organizadoras Mônica Magalhães Cavalcante, Bernardete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla). 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. *Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques*. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BEGUELIN, M-J. (eds.) *Travaux Neuchatelois de Linguistique*. Genève: tranel, n.23, 1995.

\_\_\_\_\_. & REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. *Construction de la référence et stratégies de désignation*. In: BERRENDONNER. A. e Reichler-Béguelin, M. J. (eds.) *Du syntagm nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995.

ARISTOTE. *Sur l'interprétation*. In: Oeuvres complètes. Paris: Éditions Flammarion, 2014.

ARISTOTE. *De l'interprétation*. Paris: Éditions Les Échos du Maquis, 2014.

BATISTA, MARIA DE FÁTIMA BARBOSA DE MESQUITA. *O PERCURSO GERATIVO DA SIGNIFICAÇÃO*. REVISTA DO GELNE (UFC), FORTALEZA, v. 3, 2001.

\_\_\_\_\_. *SEMIÓTICA E CULTURA: VALORES EM CIRCULAÇÃO NA LITERATURA POPULAR*. MANAUS: ANAIS DA 61ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2009.

\_\_\_\_\_. *O DISCURSO SEMIÓTICO*. IN: \_\_\_\_\_; ALVES, ELIANE FERRAZ; CHRISTIANO, MARIA ELIZABETH AFFONSO. LINGUAGEM EM FOCO. JOÃO PESSOA: IDEIA, 2001.

\_\_\_\_\_. *Modelos Pancrônicos de Descrição Linguística: Percursos de Sentido*. In: *Revista Internacional – Acta Semiótica et Linguística*, v. 19, n. 1, 2014 João Pessoa: Editora Universitária/UFPB/Ideia, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica*. Tese de Doutorado. São Paulo/USP: 1999.

\_\_\_\_\_. *Zonas antrópicas de identidade, proximidade e distanciamento culturais em textos populares correntes na região Amazônica*. In: *Acta semiótica et linguística*, vol 14, ano 33 n° 1 2009.

\_\_\_\_\_. *Entrevista com François Rastier*. In: *Acta Semiótica et Linguística*, v. 18, n° 1, 2013. p. 133-146.

BRAILLE, Louis. *La brochure de 1839 (texte intégral suivi d'une biographie de Louis Braille par le professeur Coltat)*. Paris : éditions Nielrow, 2016.

*Cartas de Louis Braille ao Dr. Pignier*. CBB, 2004.

CHAROLLES, Michel. *La référence et les expressions référentielles en français*. Paris: Ophrys, 2002.

CIULLA E SILVA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas – o universo literário dos contos*. – Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

COURTÉS, JOSEPH. *INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA NARRATIVA E DISCURSIVA*. COIMBRA: LIVRARIA ALMEDINA, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien.&COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien. *SOBRE O SENTIDO I: ENSAIOS SEMIÓTICOS*. PETRÓPOLIS: VOZES, 1975.

\_\_\_\_\_. *Sobre o sentido II: Ensaios semióticos*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

\_\_\_\_\_. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Neto. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça. *Referenciação e orientação argumentativa*. In: *Referenciação e Discurso*. – Ingedore Villaça Koch, Edwiges Maria Morato, Anna Christina Bentes (Orgs.). – 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2016.

MONDADA, L.&DUBOIS, Danièle. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES B.; CIULLA E SILVA, A. (Org.s). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, F. B. *Cordel em Braille: procedimentos semióticos da transcodificação*. João Pessoa (PB): Editora UFPB, 2019.

\_\_\_\_\_. *Tactetos*. João Pessoa (PB): Mídia Gráfica e Editora, 2019.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Considerações sobre a Semiótica das Culturas, uma Ciência da Interpretação: Inserção Cultural, Transcodificações Transculturais*. In: *Acta Semiótica e Linguística/ Sociedade Brasileira de Professores de Linguística*. Vol . 11, (2006, ano 30), Revista Internacional – São Paulo: Universidade Braz Cubas: Terceira Margem, 2007.

RASTIER, François. *Tem a linguagem uma origem?* (*Revista Brasileira de Psicanálise*). Volume 43, n. 1, · 2009.

\_\_\_\_\_. *Le langage a-t-il une origine?* (*Revue française de psychanalyse*, nº 5). Paris, 2007.

\_\_\_\_\_. *Semantique et recherches cognitives*. Paris: PUP, 1991.

\_\_\_\_\_. *AÇÃO E SENTIDO POR UMA SEMIÓTICA DAS CULTURAS*. TRADUÇÃO: MARIA DE FÁTIMA BARBOSA DE MESQUITA BATISTA. JOÃO PESSOA: EDITORA UNIVERSITÁRIA/UFPB, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

\_\_\_\_\_. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1964.

SEARLE, John. *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

## ANEXO

Coupray, 11 de outubro de 1831.

[1] Estimado Senhor:

[2] Faz mais de quinze dias que não tenho a honra de receber notícias suas. Sem querer ser pessimista, estou convencido de que o Senhor me escreveu e que também terei que reclamar sua carta junto ao correio. Mas não é isto o que me inquieta: sua saúde teria piorado? Acaso assuntos que me parecem previsíveis o absorvem por completo.

[3] Já não serei eu quem lerá dois belos textos com o Senhor. Estes pensamentos me atormentam, mas confesso-lhe que não é este último que me parece o mais provável.

[4] Até aqui, tenho passado minhas férias nos vinhedos e nas estradas, mas a umidade, a chuva e o vento me fizeram mudar minha rotina. Leem para mim, afino pianos, jogo cartas e xadrez, e me sinto bem.

[5] Peço a Deus que conserve a sua saúde e a da Senhorita sua irmã.

[6] Seu devotado, L. Braille.